

Obra de séculos



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

Metade da população brasileira depende dos programas sociais criados pelo governo Lula. As bolsas de todos os tipos beneficiam pessoas de baixa renda em diversos aspectos do mercado de trabalho. Estudantes têm vantagens, trabalhadores idosos também, compradores de residências e por aí vai uma infinidade de benefícios para a população. Toda essa generosidade é bancada pelo governo federal. O governo tem conseguido exibir bons números de crescimento econômico, redução do desemprego e uma inflação mais ou menos controlada como resultado dessa política. É a maneira petista de governar.

Essa é a questão estrutural da qual o governo não consegue escapar. Ele não reduz despesas porque se o fizer estará desmontando o próprio cardápio de benefícios que oferece às classes menos favorecidas. A contrapartida dessa situação aparece na eleição. O presidente espera que os menos favorecidos votem maciçamente no Partido dos Trabalhadores e na sua eventual candidatura à Presidência para um quarto mandato. Diante desse cenário, não há como produzir um pacote de redução de despesas que seja eficiente. O que se corta no atual esforço é periférico e pouco relevante. O governo não pode fazer mais. E, sobretudo, não quer.

A solução encontrada é a pior possível: abrir os cofres e garantir aos parlamentares livre acesso às verbas governamentais. O governo Lula não tem projeto, nem metas, ele vive ao sabor das possibilidades do momento e de algumas conquistas na política externa. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) é uma miragem. Não acelerou crescimento, nem introduziu novos ingredientes na economia nacional. Trata-se de uma relação de obras que o governo pretende realizar. Os parlamentares não possuem nenhum compromisso com o supracitado PAC. Eles têm compromisso com o prefeito na sua base eleitoral, que, por sua vez, tende a gastar o dinheiro por meio de empresa que seja amigável na próxima eleição. Não é um bom caminho para o desenvolvimento nacional.

Nenhuma doença acontece em bom momento. Mas a de Lula ocorre quando o presidente estava tentando dar a volta nos parlamentares — mesmo aqueles que jogam dinheiro pela janela para não explicar a origem da grana. A trepanação não é algo trivial. É uma operação delicada que exige perícia do cirurgião. O presidente vai se recuperar, mas precisará de tempo para reassumir na totalidade de suas responsabilidades. Essa internação joga também uma incógnita sobre a possibilidade de sua candidatura à Presidência da República, quando terá 81 anos e dificuldades de um idoso cercado de problemas da idade. Joe Biden desistiu da campanha presidencial nos Estados Unidos por causa disso.

A política brasileira está muito rasa. A exceção de alguns feitos recentes da diplomacia, não há nada a comemorar, festejar ou ao menos discutir. Só a disposição dos parlamentares que se jogam sobre as verbas como famélicos

em busca de um prato de comida. Não há sinalização de qualquer esforço para vencer as persistentes barreiras do subdesenvolvimento e do crescimento sustentável. O presidente se queixa da dificuldade do governo em se comunicar. Não há boa comunicação de governo inseguro ou incapaz de definir seu rumo. A comunicação é deficiente porque é titubeante a ação do Palácio do Planalto. Tudo resulta da mesma desorganização.

Os dirigentes do PT estão desafiando as leis da existência. Todos somos finitos. Independentemente da função, da importância ou da riqueza. Não há alternativa para a eventual candidatura de Lula. O PT tem lançado na emergência Fernando Haddad para representar o partido, embora seja um de seus quadros, ele é professor, estudioso aplicado, sem carisma, nem experiência no movimento sindical. Bolsonaro já avisou a quem interessa que o candidato é ele, e ninguém deve se atrever a entrar nessa seara. São expectativas que se formam mesmo quando ainda faltam dois anos para a sucessão presidencial. Mas esse é um processo que se organiza com o tempo.

A inelegibilidade de Bolsonaro poderá se manter se os tribunais resistirem à imensa pressão que virá de todos os lados, inclusive dos militares que tentaram o golpe. Eles querem a anistia para o chefe que será estendida a eles, naturalmente. Os próximos tempos serão tumultuados. A sucessão presidencial é sempre um momento de crise no sistema presidencialista. E, no Brasil com tanta instabilidade, os políticos terão de demonstrar uma capacidade negociadora que não mostraram até agora. Nelson Rodrigues, genial dramaturgo, dizia que subdesenvolvimento não se improvisa. É obra de séculos.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))



circecunha.df@dabr.com.br

Mazelas nas gôndolas

Para um país que é classificado hoje, pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), como a 10ª economia do mundo, não faz sentido que ocupe ao mesmo tempo posições antagônicas e medíocres quando os quesitos são o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), onde ocupa a 79ª posição entre 184 países; o Gini, que mede a distribuição de renda, na qual o Brasil tem um índice de 0,533, que o coloca na 84ª posição; ou mesmo quando é avaliado no quesito educação, onde fica em 63ª posição entre 81 países. A primeira constatação que salta aos olhos de todos, aqui e além das fronteiras, é que o Brasil é um país materialmente rico, com um Produto Interno Bruto (PIB) significativo, mas que é habitado, com poucas exceções, por uma população majoritariamente pobre, com pouca ou nenhuma cobertura de saúde, baixa escolaridade e baixa renda per capita. Pior ainda: com uma altíssima concentração de renda, que faz de nosso país um campeão da desigualdade social e econômica de todo o mundo.

Uma situação tão surreal como a nossa só pode ser compreendida na prática quando se vai, por exemplo, ao supermercado. Nesse local, todas as mazelas do povo brasileiro estão expostas nas gôndolas, à vista de todos. Então, como entender as razões que fazem com que, sendo o Brasil o atual celeiro do mundo, reconhecido como o maior produtor de grãos do planeta, maior produtor também de carnes bovina, suína e de aves de toda a Terra, pode oferecer à clientela nacional os maiores e mais abusivos preços praticados no quesito de alimentos de primeira necessidade?

A situação é tão esdrúxula que, para manter um mínimo de movimentação no comércio de alimentos, é que existem mercados e mercados. Um para os poucos que têm renda para adquirir produtos de primeira linha. Outro para atender à clientela sem poder aquisitivo, na qual as gôndolas parecem apresentar produtos de terceira linha, quase uma xepa de alimentos, que não servem para o consumo da classe A, mas que o povão compra como última opção e a preços também extorsivos.

Os políticos, que não possuem contato direto com essa realidade e, portanto, não sofrem na pele seus efeitos, não se interessam em buscar melhorias para esses fatos. Do mesmo modo, os governos, que só se interessam em tributar a tudo e a todos, também se mostram incapazes de equilibrar as riquezas materiais do país com as necessidades humanas da população.

Por isso, entra governo e sai governo, os indicadores mostram que aqueles índices mostrados acima permanecem os mesmos ou pioram a cada ano. Há um descompasso real que é, ao mesmo tempo, dramático e sem sentido. Como é possível passar fome numa casa em que há abundância de alimentos? Para aqueles que nos observam à distância, o Brasil, à mercê de suas conquistas na área econômica, permanece sendo, por séculos, um país com uma população desassistida em todas as áreas. Mesmo para a América do Sul, um continente reconhecido por seu subdesenvolvimento crônico, o Brasil desponta no quarto lugar em IDH, atrás de Chile, Argentina e Uruguai.

Há um claro descompasso entre a riqueza produzida pela nação e a renda per capita. Fatos como esse só podem ser entendidos quando se verifica que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. O que ocorre com nossa realidade mostra bem que o Brasil não é um país pobre, como muitos que existem pelo mundo. O Brasil é um país injusto e desigual. Nesse ponto é preciso entender que não existe combate efetivo à pobreza que vá até as raízes do problema, montado em ações do tipo puramente ideológicas.

Não se debela a pobreza com discursos e ações do tipo eleitoreiras, nem tampouco com medidas do tipo populistas, mas e tão somente com planos de governo bem elaborados e suprapartidários. Planos de longo prazo que sejam continuados por diferentes presidentes. Por outro lado, e as tentativas anteriores provam isso, não se pode falar em combate à pobreza, às desigualdades, ao baixo IDH e a outros indicadores sem uma reforma profunda e verdadeira do Estado, que parta do princípio de que, de todos os obstáculos a serem vencidos, nenhum é mais importante que o combate à corrupção e à má aplicação dos recursos públicos. E não adianta nesse ponto querer inverter as verdades dos fatos históricos. O que tem prejudicado o país é justamente a corrupção e seus efeitos, não o combate a ela.

Entre nós, o diagnóstico é claro: para melhorar indicadores como o IDH, Gini, Pisa e outros, é preciso, antes de tudo, acabar com a praga secular da corrupção de malversação dos recursos da nação. Qualquer outro caminho passa longe desses problemas e nos faz prisioneiros de índices medíocres e vexaminosos.

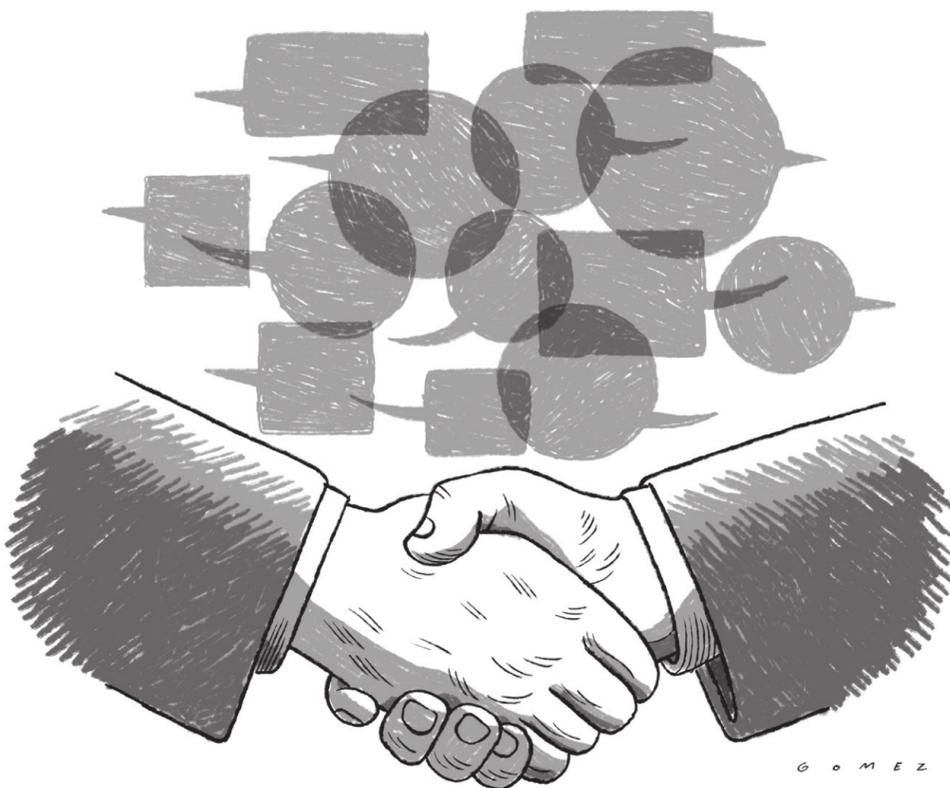
A frase que foi pronunciada:

“O universo protege as pessoas que se movem por um bom propósito.”

Luís Roberto Barroso, ministro do STF, no programa Roda Viva

» História de Brasília

Atitudes de homens de bem, que não pactuam com desconstruções. Essa decisão mostra que a cidade foi construída com entusiasmo patriótico, e não para fins de aproveitamento. Agora, quando surgem os desconfortos, é preciso que se apure tudo até o fim, para que não se jogue lama em nomes que não merecem e que valem pelo muito que deram na construção da cidade. (Publicada em 21/4/1962)



A saúde mental do homem negro está na pauta?



» LUCIANO DE SÁ
Psicólogo clínico, conselheiro no Conselho Regional de Psicologia do DF, palestrante, supervisor clínico

“O que é, o que é? Clara e salgada, cabe em um olho e pesa uma tonelada”. Esse verso, presente na música *Jesus chorou*, do grupo de rap Racionais MCs, será o ponto de partida para nossa reflexão sobre a saúde mental do homem negro. Onde se escondem as lágrimas? O que nos faz chorar? O que rouba nossas noites de sono? O que afeta nosso bem viver?

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), de 2009, visa promover equidade no acesso e na qualidade dos serviços. O racismo continua a ser um grande obstáculo na efetivação. “Pega a visão!”. Os movimentos sociais têm pressionado pela importância dessas políticas, resultando em avanços como programas de formação específicos, oferecidos por instituições como Fiocruz, Escola Nacional de Administração Pública (Enap) e Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (Unasus). Além disso, o Conselho Federal de Psicologia reconhece o impacto do racismo como um estressor crônico que contribui para o sofrimento psíquico, exigindo estratégias que levem em conta essas particularidades.

A construção de subjetividades ligadas a um ideal de masculinidade afeta a saúde mental do homem negro, muitas vezes exigindo que não

demonstre emoções consideradas “fracas”. Isso pode levar à repressão emocional, isolamento, depressão e ansiedade. Além disso, a falta de oportunidades socioeconômicas e educativas, associada ao racismo, cria obstáculos para atingir padrões de sucesso e estabilidade financeira, gerando sentimentos de inadequação e baixa autoestima.

“Vou me embora agora/ vou embora para outro planeta/ na velocidade da luz/ ou quem sabe de um cometa/ eu vou solitário/ firme onde a morte me aqueça / talvez assim de uma vez para sempre”. Os versos da música *Velocidade da luz*, do grupo Revelação, trazem um tom de desilusão e desesperança. Dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) mostram aumento das taxas de suicídio da população negra de 1991 a 2000. Embora a disponibilidade de dados específicos para esses grupos, durante esse período, seja limitada, estudos e registros indicam tendências que exigem atenção cuidadosa. Entre os anos de 2010 e 2020, os dados indicam tendência crescente nos índices de suicídio na juventude negra, uma situação que é alarmante e aponta para a necessidade de intervenções direcionadas.

O Atlas da Violência de 2024 revela que 76% das mortes por homicídio são de pessoas negras. Experiências diárias de microagressões geram sofrimento, aumentando níveis de estresse e adoecimento. A estigmatização dos transtornos impede que muitos busquem ajuda. O fundamentalismo religioso de algumas clínicas clandestinas de internação de pessoas que fazem uso abusivo de substâncias ilícitas agrava a situação quando perpetuam a decadência e as violações de direitos.

Espaços manicomial chamados de

“comunidades terapêuticas” são verdadeiros antros de perversidade e eliminação de corpos negros. Entre 2020 e 2024, foram fechadas, na região de Goiânia e Anápolis, mais de 26 desses tipos de locais assemelhados a cativerios, que muitas vezes recebem dinheiro público, recursos que poderiam ser destinados à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), já tão sucateada.

Um exemplo interessante de espaço de acolhimento e fortalecimento do bem viver é a Roda de Homens Negros, uma roda de conversa que acontece mensalmente em Brasília, em parceria com um empresário que cede o espaço para os encontros. Os temas e datas são divulgados no Instagram @rodadehomensnegros.

As rodas possibilitam ambiente favorável para o acolhimento. Esses encontros, organizados em círculos de diálogo e troca, promovem oportunidade de escuta, empatia e solidariedade, essenciais para estabelecer segurança emocional, social, acolhendo nossas pulsões palmarinas. Os manos podem compartilhar vivências, desafios e emoções sem medo de julgamento. Isso é potente, pois vivemos em uma sociedade onde o racismo e a masculinidade tóxica impedem a expressão autêntica.

O interesse genuíno e respeito permitem que os participantes sintam suas experiências validadas e compreendidas. Isso ajuda a reduzir o sentimento de isolamento e desamparo, promovendo sensação de pertencimento, construção afetiva e irmandade. Esses laços são fundamentais para o apoio mútuo e solidariedade, criando uma rede de suporte que se estende para além dos encontros e viabilizam caminhos para o bem viver de homens negros, com mais saúde mental.